

O primeiro e último vídeo de Philippe Ledoux

O diretor de cinema francês Philippe Ledoux tem uma filmografia memorável: *Lambdaville* (1961), *Un Homme et Deux Femmes* (1962), *Frère Courage* (1963), *Femmes de Sable* (1964) e *Feuilleton Imprècis* (1996). Tamanho é o impacto de sua produção que ele foi considerado um mestre de Jean-Luc Godard e de Claude Lelouch. O fato de seu nome ser o mesmo de um personagem fictício de um livro didático de francês da década de 1970 é só uma coincidência. Afinal, há muitos lugares-comuns por aí. Já a importância de *Feuilleton Imprècis* não parece ser ordinária, visto que a imprensa brasileira da época o considerou “o elo perdido entre a nouvelle vague e o cinema novo” (Luiz Carlos Merten, *O Estado de S. Paulo/Caderno 2*). Em 1998, Ledoux assinou o manifesto Dogma 95.1 junto do estadunidense Marcelo Carter e da italiana Ornella Castelli di Sabia. Era uma atualização do famoso manifesto Dogma 95, proposto pelos cineastas dinamarqueses Lars von Trier e Thomas Vinterberg três anos antes. Dogma 95.1 radicalizava a posição contra o conceito de autoria, de ilusão e de previsibilidade dramatúrgica tomada por seu antecessor; também abolia a necessidade de roteiro, atores e câmeras adicionais. Esses preceitos já estavam presentes em *Feuilleton Imprècis*.

-

No início da década de 1990, Dora Longo Bahia (guitarra), Marcelo Ferrari (vocal) – performando Marcelona –, Priscila Farias (baixo) e Renato Cohen (bateria) faziam a primeira apresentação da banda Disk-Putas. Érika Palomino e Guto Barra escreveram em um jornal que aquela era “a mais anárquica e debochada formação da cena pop de São Paulo” (*Folha de S. Paulo/Ilustrada*). Nos shows e fanzines, seus integrantes se apresentavam com pseudônimos, como Isabel Guerrero, Fernando Salinas e Manuela Vereza. Na linguagem videográfica, eles encontraram novas ferramentas para apresentação do deboche contra personalidades da mídia, comportamentos sociais e estereótipos culturais. O trabalho coletivo envolvido na produção de vídeos uniu o grupo a outros colegas e a agregados que orbitavam em torno da cena underground de clubes, garagens e boates, da Faap e da MTV, entre o centro e a zona oeste de São Paulo. Em meados daquela década, Longo Bahia, Ferrari, Farias e Cohen se juntaram ao fotógrafo Marcelo Arruda e roteirizaram, filmaram e produziram três curta-metragens que satirizavam alguns clichês cinematográficos e da indústria cultural. O grupo não estava mais relacionado ao Disk-Putas, mas retomava uma crítica às identidades artísticas que se tornavam

mercadorias, com a criação de personagens e histórias heroicas e ambíguas para cada um deles – a criação de heterônimos.

-

A essa altura, a relação entre as duas narrativas anteriores já deve estar evidente. A diferença entre verdade e ficção, talvez não. O grupo de personagens que relaciona o Disk-Putas aos signatários do manifesto Dogma 95.1 parece residir em um contexto multicultural da cidade de São Paulo na década de 1990 que viveu no limite: da vida noturna e diurna, das linguagens artísticas, das áreas de atuação, da crítica e da reprodução do *mainstream*.

Novela Vaga (Feuilleton Imprècis) pode ser vista como uma produção que escancara esse ambiente limítrofe. É uma grande sátira à Nouvelle Vague, movimento do cinema francês que marcou as décadas de 1950 e 1960 e tinha como uma das principais características a reafirmação do estilo do autor e de técnicas estilísticas de filmagem e edição. Com grande influência no cinema internacional, as imagens, que em sua época eram subversivas e renovadoras, tornaram-se chavões com o passar do tempo.

Por sua vez, a França foi a referência cultural e intelectual da classe média e alta de São Paulo por muito tempo. Algumas gerações estudaram na Aliança Francesa e adotaram produções artísticas, cinematográficas e literárias francófonas como parâmetros de qualidade partilhados, sobretudo nas universidades. A juventude da década de 1990 encarou esse legado com cinismo, mas com uma intimidade ao objeto criticado que só seria possível em um meio social determinado.

Mas, se aquela década foi marcada pela ascensão do capitalismo globalizante, o deboche não poderia ficar restrito aos cânones do passado. A eloquência do presente e a crítica cultural eram afiadas: não escapou a associação da *nouvelle* com a *novela*. As telenovelas nacionais e mexicanas eram extremamente populares no Brasil e se infiltraram em um imaginário popular muito mais amplo, que chegava a diversos públicos não só pelas TVs, mas também por outras mídias, como os jornais, as revistas e as propagandas. As legendas de *Novela Vaga* foram construídas a partir de resumos dos folhetins em exibição publicados diariamente nos jornais.

Parecia ser, de fato, o “elo perdido” entre dois mundos tão distantes à primeira vista. *Novela Vaga* mostra justamente como existem lugares-comuns entre as narrativas cinematográficas e novelescas. O drama amoroso. O maniqueísmo das gêmeas. A violência conjugal. Os estereótipos de gênero. O final trágico. A noção de *male gaze* cunhada pela crítica e cineasta Laura Mulvey fica evidente: Philippe

Ledoux emula o diretor-autor que constrói as figuras femininas para o deleite visual. Os estereótipos repõem um prazer escopofílico que transita entre corpos disponíveis para a sedução e a violência. Se todos esses temas são escrachados e recaem no humor do absurdo e da confusão entre imagem, som e legenda, eles existem em um limite muito tênue entre a crítica e a reafirmação de tais clichês narrativos.

Novela Vaga participou de alguns festivais de filmes LGBTQIAP+, como o 4ème Festival de Films Gays et Lesbiens de Paris, em 1998, e o Inside Out – Lesbian and Gay Film and Video Festival of Toronto, em 1998, além de três edições do MixBrasil de Cultura e Diversidade Sexual (1996, 1999 e 2008), fundado em 1993 e um dos maiores eventos de cultura *queer* desde então. No ano de sua primeira exibição, o vídeo recebeu os prêmios de melhor curta e de melhor interpretação para Marcelona, como Claudette e Claudine. A personagem de Marcelo Ferrari, que também representa outras personagens femininas, é, talvez, o elemento mais evidente do lugar fronteiro em que as expressões de gênero e de sexualidade se apresentam no filme e no contexto de produção de onde ele surgiu.

Personagem, alter ego, pseudônimo e heterônimo são recursos da literatura que têm uma presença fundamental na produção videográfica do grupo de Dora Longo Bahia, Marcelo Arruda, Marcelo Ferrari, Priscila Farias e Renato Cohen. A definição exata dessas categorias é complexa, justamente porque elas borram os limites entre a arte e a vida de todas essas pessoas. Como enquadrar Marcelona, figura que até hoje aparece nas noites paulistanas? O que de Marc Dubois diz respeito a Renato Cohen?

Dora Longo Bahia aprofundou essa investigação ao longo de grande parte da sua produção artística, que não ficou restrita aos vídeos. Ela criou trabalhos que eram, em si, a invenção de personagens, como Alice Pulcrabella, Marcelo do Campo e Marcelo Cidade. Mas, tanto na obra de Longo Bahia quanto na literatura que utiliza esses recursos, a autoria é singular. Philippe Ledoux é uma criação coletiva. É um heterônimo, com vida e obra independentes de seus autores e de outros personagens que surgiram depois. Fez seu primeiro e último vídeo em 1996. É uma crítica dúbia ao poder do diretor-autor porque tira sarro dessa figura, a faz de fragmentos que evidenciam a artificialidade de certos estereótipos mas que, ao fim, a põe à frente de seu grupo de inventores.

Bruna Fernanda

Like a Virgin: o Primeiro Vídeo a Gente Nunca Esquece é o programa que inaugura a Sala de Projetos Especiais da nova sede do Ateliê397 (Travessa Dona Paula, 119A – Higienópolis). A proposta é mostrar as primeiras obras em vídeo de artistas e coletivos com dez ou mais anos de carreira. E, assim, investigar o início de uma recorrência ou de um desvio nessas trajetórias. Gestos iniciais são muito importantes para o Ateliê397, que se interessa pela experimentação e pela radicalidade nas artes. O primeiro vídeo é formativo para o artista, para o público e para a crítica. Talvez outros o ignorem, mas, aqui, *o primeiro vídeo a gente nunca esquece*.

Ateliê397

Gestão: Bruna Fernanda, Érica Burini, Jeane Gonçalves, Tania Rivitti, Thais Rivitti

Produção executiva: Jeane Gonçalves

Design: Thiá Sguoti

Like a Virgin: o Primeiro Vídeo a Gente Nunca Esquece

Artista: Philippe Ledoux (Dora Longo Bahia, Marcelo Arruda, Marcelo Ferrari, Priscila Farias e Renato Cohen)

Curadoria: Bruna Fernanda

Revisão: Ana Elisa Camasmie

Realização:



Ateliê397

Apoio:

aliseu